

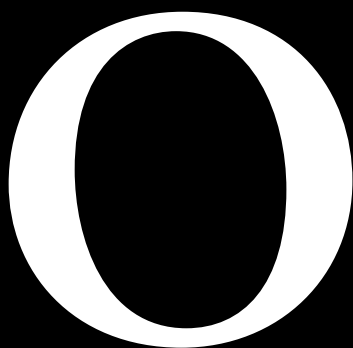
O historiador Cide Hamete Benengeli ou a tragicomédia do primeiro autor

JOSÉ ÁNGEL ASCUNCE ARRIETA

Tradução de Silvia Massimini

**JOSÉ ÁNGEL ASCUNCE
ARRIETA** é professor
da Universidad de
Deusto – San Sebastián
(Espanha).





tema da autoria do *Quixote* e, dentro desse tema geral, o do primeiro autor e historiador Cide Hamete Benengeli, é uma

questão em permanente estado de revisão e estudo. Muitas coisas foram ditas, muitas idéias foram dadas, centenas de páginas foram escritas, mas o leitor fica sempre insatisfeito ao não achar nesses estudos tudo o que esperava ou procurava. Nesse âmbito de permanente revisão e com um sentido de relativismo pleno, quero oferecer nesta análise minha leitura pessoal sobre o historiador e primeiro autor Cide Hamete Benengeli.

O “historiador árabe” Cide Hamete Benengeli (1) é o primeiro autor do relato cervantino. Aparece no romance no capítulo 9, quando o autor cristão, inicialmente “segundo” (2) autor, descreve a descoberta do calhamaço em Alcaná de Toledo. Nesse momento, o autor árabe Cide Hamete aparece pela primeira vez (3). Com a presença do autor árabe, verifica-se uma mudança total de planos narrativos. Do ponto de vista da autoria, esse dado nos demonstra que os oito primeiros capítulos têm muito pouco a ver com o relato seguinte, em que Cide Hamete aparece como primeiro autor. Algo parecido se pode dizer da quase totalidade do nono capítulo, no qual o autor cristão aparece como único autor da história com a função de apresentar o novo autor do romance e, com esse autor, a história completa, em sua versão inicial

1 A bibliografia sobre o tema é muito ampla. Remeto o leitor aos títulos que aparecem na Bibliografia final. As citações do trabalho se referem a essa Bibliografia.

2 Sustento o princípio de “inicialmente segundo autor”, entre aspas, porque, conforme apresentado no estudo “Los Puntos de Vista en el *Quijote* o el Narrador Paradjico”, in *La Tragedia de Don Quijote y Don Quijote como Tragedia* (ed. Reichenberger), a ser publicado em breve, o título de “segundo autor” corresponde com total legitimidade ao tradutor aljamiado e o de “terceiro autor”, ao autor cristão. Ao longo da obra, verifica-se um claro fluxo de autorias.

3 O primeiro autor dos oito capítulos iniciais não pode ser Cide Hamete Benengeli. Sigamos o texto ao pé da letra. Este nos esclarece, no último parágrafo do oitavo capítulo: “*Pero está el daño de todo esto que en este punto y término, deja pendiente el autor desta historia esta batalla, disculpándose que no halló más escrito, destas hazañas de don Quijote, de las que deja referidas. Bien es verdad que el segundo autor desta obra, no quiso creer que tan curiosa historia estuviese entregada a las leyes del olvido, ni que hubiesen sido tan poco curiosos los ingenios de la Mancha, que no tuviesen en los archivos o en sus escritorios, algunos papeles que deste famoso cavallero tratasen...*”. O que se pode deduzir desse breve parágrafo? Primeiro, que a relação entre a escritura do primeiro autor e a leitura do segundo autor é direta. Se Cide Hamete, autor árabe, escreve em árabe e o segundo autor, cristão, não conhece o árabe, o relato de tal texto não pode estar em língua árabe, a não ser que admitamos um grave erro de lógica narrativa. É mais apropriado pensar em uma autoria distinta da do autor árabe. Portanto, deve-se deduzir que o primeiro autor dos oito capítulos iniciais não é Cide Hamete Benengeli, mas outro autor que, supõe-se, escreveu em língua castelhana. Os críticos que identificaram o primeiro autor dos oito capítulos iniciais com Cide Hamete não perceberam o sentido do que o próprio relato nos revela.

4 Não podemos nos esquecer de um fato narrativo de grande significado. Quando, no capítulo 9, fala-se de história completa, esta se refere ao relato que vai desde o final do capítulo 9 ao capítulo 52, último capítulo, da Primeira Parte. A Segunda Parte é uma história diferente da que mostra o relato compilado no calhamacho de Alcaná. Sobre esse aspecto, embora de forma muito pontual e resumida, voltaremos mais tarde. O que interessa é ter muito presente que, na redação inicial, em torno ao encontro do calhamacho em Alcaná de Toledo, Cervantes tinha a idéia de um *Quixote* cuja conclusão seria precisamente o final da Primeira Parte. A Segunda Parte é um acréscimo posterior com fraturas muito graves do ponto de vista da lógica narrativa.

5 Compartilho plenamente da tese de Santiago Fernández Mosquera quando diferencia o autor dos oito primeiros capítulos do autor dos restantes. Ver o anexo "El Autor de los Ocho Primeros Capítulos", em seu trabalho "Los Autores Ficticios del Quijote", 1986, pp. 55-7.

6 Uma das notas de apresentação de Cide Hamete se verifica no capítulo 16 da Primeira Parte, quando o historiador árabe é dado a conhecer como mourisco, ao ser relacionado parentalmente com o arreiro da estalagem. É o único caso na Primeira Parte em que uma nota narrativa nos oferece informação sobre Cide Hamete. No conjunto dessa Primeira Parte, é surpreendente e um tanto irregular. É uma citação chocante por sua excepcionalidade. Coisa muito diferente do que acontece na Segunda Parte.

7 Em outras ocasiões, defendi a tese das diferentes narrações do *Quixote* (Arrieta, 1997, especialmente o capítulo 3, pp. 142-298). De acordo com esse ponto de vista, caberia apontar que a introdução de Cide Hamete é uma interpolação muito posterior ao momento original da escritura. Quando a redação da Primeira Parte estava muito adiantada é que o atual capítulo 9, e com ele a figura de Cide Hamete, foi introduzido no romance. Isso explicaria a ausência quase total de referências a essa figura e, como consequência, sua significação nula. É uma tese em processo de estudo.

8 Esse dado impõe uma realidade crítica. Excetuando-se o episódio da apresentação do autor Cide Hamete no capítulo 9 da Primeira Parte e algumas referências muito pontuais, o resto de citações é tomado da Segunda Parte.

(4), do fidalgo manchego Dom Quixote de la Mancha. Todas essas considerações nos demonstram que o autor dos primeiros oito capítulos não pode ser, por pura lógica, o autor árabe Cide Hamete Benengeli. Este aparece pela primeira vez no final do nono capítulo (5).

"Se, quando Cervantes fingiu que a história de Dom Quixote era escrita por um historiador arábico chamado Cide Hamete Benengeli, não teve maior interesse ou pretendeu outra coisa além de parodiar um artifício gasto, haveria muito pouco a dizer sobre isso. No entanto, [...] em suas mãos, um antigo artifício da prosa narrativa oferece possibilidades inesperadas" (Riley, 1961, pp. 316-7).

O recurso ao emprego do autor e historiador Cide Hamete pode corresponder a um artifício narrativo tradicional, mas, ao mesmo tempo, é muito mais que isso. É uma personagem complexa, profunda, de uma ambigüidade plena, muito difícil de definir e mais ainda de compreender. É uma das personagens mais paradoxais e mais sutis da obra cervantina. Cabe afirmar que Cide Hamete é uma das instâncias narrativas mais propriamente cervantinas e mais significativamente barrocas.

Por outro lado, frente a outras personagens como Dom Quixote e Sancho, e seguindo a linha de Aldonza-Dulcinéia, não nos é oferecida uma apresentação pormenorizada de sua figura e de seu caráter. O leitor não possui muitos dados acerca de seu ofício e de sua personalidade. No entanto, este, o leitor, depois de uma leitura atenta, pode formar uma idéia bastante completa de sua personalidade e de sua função dentro do mundo narrativo. A apresentação de Cide Hamete corresponde a certas técnicas um tanto surpreendentes para a época. Com alguns traços pontuais, mas perfeitamente estudados e propostos, essa figura nos é oferecida em toda a sua complexidade. Cervantes recorre a técnicas claramente impressionistas, em que algumas pinceladas breves e precisas servem para nos oferecer um panorama completo em toda a sua complexa realidade.

Cide Hamete é uma personagem oferecida em perspectiva, e o leitor deve captá-la e entendê-la como tal.

Outro dado importante para entender a figura do autor árabe é o diferente jogo de matizes narrativos que essa figura oferece nas duas partes do *Quixote*. Na Primeira Parte, apresenta um papel muito pouco relevante. Caberia afirmar que é um sujeito um pouco à margem da ação narrativa. Por outro lado, é uma personagem um tanto plana, sem personalidade e sem história (6). Contudo, na Segunda Parte, sua presença é constante, sua personalidade é complexa e contraditória, seu protagonismo é indiscutível. Nessa Segunda Parte, o autor Cide Hamete é apresentado com as características definitivas com que tradicionalmente é visto e avaliado. O que quer nos dizer esse tratamento tão diferente em ambas as partes do *Quixote*? O fato oferecido é inquestionável, a interpretação pode ser muito variada. Ofereço a que, como leitor crítico, me parece mais acertada e mais lógica (7). Cervantes introduz a figura de Cide Hamete no capítulo 9 ou como uso de uma estratégia narrativa tradicional para potencializar o distanciamento entre o leitor e o autor, ou então é uma figura de possibilidades narrativas ilimitadas, mas não captadas por seu autor em um primeiro momento e perfeitamente definidas e utilizadas na Segunda Parte. O certo é que a eficácia narrativa de Cide Hamete na Primeira Parte é escassa, quase nula, e na Segunda Parte é total. Caberia afirmar que são duas figuras, por seu papel e sua personalidade diferentes, embora tenham o mesmo nome e cumpram a mesma função dentro do relato (8).

Feitas essas breves, mas importantes observações, pode-se passar à apresentação valorativa de nosso autor árabe. Pela perspectiva de sua origem e condição, ficamos sabendo que é um "historiador arábico" (I, 9), é igualmente "autor arábico" (I, 9), "autor arábico e manchego" (I, 22), "o sábio e atento historiador Cide Hamete Benengeli" (I, 27). No capítulo 27 da Segunda Parte, Cide Hamete é apresentado como "cronista desta grande história". Cide Hamete é um

historiador e cronista sábio de origem árabe e manchega. Por outro lado, segundo o relato da história, esse autor aparece em distintas ocasiões como “sábio” (I, 27), como “historiador” (I, 16), como “cronista” (II, 27). A partir dessas atribuições, Cide Hamete apresenta as características ideais do que deve ser um bom cronista ou um excelente historiador: sabedoria e precisão expositiva. Mas existe outra qualidade na forma de ser do primeiro autor. No capítulo 53 da Segunda Parte, encontramos a seguinte afirmação: “Isto diz Cide Hamete, filósofo maometano”. Deixando de lado a condição ideológica ou religiosa do autor, ele nos é apresentado como “filósofo”. Como tal, a todas as qualidades anteriormente assinaladas devem ser acrescentadas a de reflexão crítica e a de capacidade hermenêutica. Em teoria, Cide Hamete cumpre perfeitamente todas as exigências impostas por sua condição de historiador. Pode ser um perfeito cronista da história de Dom Quixote, porque, em aparência e princípio, possui as qualidades pessoais e intelectivas ótimas para realizar esse trabalho.

Encontramo-nos diante de um autor que é curioso (I, 16), atento (I, 27), pontual (II, 7), prudente (II, 74), etc. Um autor com essas características deve oferecer uma obra pontual (I, 16), atenta (I, 27), verdadeira (II, 17), grave (II, 10), grande (II, 43), mínima (II, 43), etc. De acordo com essa perspectiva, é lógico apreciar Cide Hamete como o ideal dos historiadores ou, conforme o relato, como “flor dos historiadores” (II, 61). Cide Hamete não apenas é o principal autor da história, mas também, como conhecedor pontual da mesma, oferece-nos todos os dados necessários para que a história seja confiável e corresponda às expectativas do leitor frente ao relato. Por tudo isso, Cide Hamete parece ser o primeiro e principal autor dessa história.

No entanto, não devemos nos deixar enganar pelas aparências. Apesar de tudo o que foi dito, sabemos que Cide Hamete é árabe e, portanto, como tal, é um sujeito cínico e mentiroso por natureza. O autor castelhano e as distintas personagens não se cansam de nos recordar a condição de

mouro desse primeiro autor. Existem abundantes citações que não deixam espaço para a dúvida. No capítulo 3 da Segunda Parte, Dom Quixote recebe a grata e surpreendente notícia da publicação de suas aventuras em uma Primeira Parte de sua existência. Contudo, assombrado, recebe a notificação de que o autor de tal história é um mouro. Diante dessas circunstâncias, aponta-se na obra:

“Con esto se consoló algun tanto, pero desconsolóse pensar que su autor era moro, según aquel nombre de Cide; y de los moros no se podía esperar verdad alguna, porque todos son embelecadores, falsarios y quimeristas” (II, 3).

Um juízo de valor tão taxativo e depreciativo não deixa espaços para a dúvida. Todos os mouros, e como tal Cide Hamete, são uns embusteiros, mentirosos e falseadores (9). Cide Hamete é, portanto, o *contrafactum* do ideal do historiador. Na perspectiva do leitor contemporâneo ao próprio Cervantes, a expressão “historiador árabe” era uma espécie de piada ou paradoxo, já que tal denominação encerrava dois campos semânticos completamente opostos, *contraditio in terminis*: o cientificismo e a objetividade do historiador frente à falsidade e ao embuste do árabe. O paradoxo desautoriza a personagem. Esse contraste de pólos semânticos contrários oferece uma visão claramente caricaturesca, em que a ironia e a hipérbole retórica adquirem uma forte presença. Como afirma Alan S. Trueblood: “Cide Hamete foi criado com intenção paródica para reivindicar a suposta historicidade do *Quixote*” (Trueblood, 1956, p. 48).

Contudo, o autor apresentador não fica só na apresentação paródica do *primeiro autor*, mas passa imediatamente às desqualificações mais cruéis, por meio do insulto e da injúria. A denominação “mouro”, tanto na época de Cervantes como na atualidade, porém mais naqueles tempos que nos atuais, era um insulto e uma provocação aos membros dessa comunidade. Era um termo carregado de conotações altamente

9 Zoraida reconhece os membros de sua própria raça como falsários e traidores: “No te fies de ningún moro, porque son todos marfuzes” (I, 40). No *Quixote*, são muito frequentes as alusões ao caráter cínico e mentiroso dos mouros. É um tópico com claro sentido xenofóbico.

¹⁰ São denominações com conotações negativas muito parecidas às que agora podem ter os termos “negro”, “cigano”, “sudaca”. Designam uma origem ou raça, mas também implicam uma idéia de degradação e desqualificação.

**Don Quijote
Luchando con
el Vizcaíno, de
Agustín Navarro,
1797-98**



Reprodução

negativas (10). São palavras portadoras de uma forte carga xenófoba e racial. Se acrescentarmos a isso o qualificativo de “cão”, outra palavra com um sentido degradante e provocador, comprovamos a dinâmica humilhante em relação ao *primeiro autor*, baseada em provocações e insultos.

“En ésta sé que hallará todo lo que se acertare a desear en la más apacible; y si algo bueno en ella fallare, para mí tengo que fue por culpa del galgo su autor” (I, 9).

A partir da própria apresentação da personagem, no capítulo 9, o autor cristão faz uma avaliação altamente negativa do historiador e primeiro autor ao insultá-lo

com o termo depreciativo de “mouro” e humilhá-lo com o injurioso provocador e vexatório “galgo-cão”.

Deve-se levar em conta essas avaliações de forte carga provocativa e humilhante, como a denominação de “cão mouro”, para entender outros aspectos do romance. Frequentemente, o autor cristão exagera nos elogios e nas virtudes do autor Cide Hamete ou de sua obra, de tal maneira que o leitor pode deduzir apenas uma coisa: a zombaria e o sarcasmo. Um “cão mouro” não pode possuir virtudes tão grandes nem qualidades tão desenvolvidas como as que o autor cristão nos oferece. O exagero hiperbólico é outra forma de insulto e provocação. Mais uma vez, impõe-se a atitude zombeteira do narrador apresentador em relação ao primeiro autor:

“Cuenta Cide Hamete Benengeli, autor arábigo y manchego, en esta gravísima, altisonante, mínima, dulce e imaginada historia, que, después que entre el famoso don Quijote de la Mancha y Sancho Panza, su escudero, pasaron aquellas razones...” (I, 22).

“Dice Cide Hamete, puntualísimo escudriñador de los átomos de esta verdadera historia, que al tiempo que...” (II, 50).

“Fuera de que Cide Hamete Benengeli fue historiador muy curioso y muy puntual...” (I, 16).

“En el que estuvieron encerrados don Quijote y Sancho pasaron las razones que con mucha puntualidad y verdadera relación cuenta la historia” (II, 7).

Os exemplos podem ser multiplicados, mas os expostos acima são suficientes para demonstrar a ironia e o sarcasmo do autor cristão em relação ao autor árabe. Quem duvida da carga paródica de todas essas passagens? Que sentido têm a redundância adjetival, o abuso dos superlativos, o uso freqüente de adjetivos e advérbios de quantidade, etc.? Estamos diante do tradicional uso da hipérbole retórica com sentido irônico. Acentuam-se de tal maneira a bondade e as virtudes do sujeito apresentado que o resultado é um quadro ou apresentação

caricaturesca de natureza irônica. Com a frequência em que aparecem essas expressões baseadas em típicas fórmulas de hipérbole retórica, que decerto são bastante numerosas, o *segundo autor* está rindo cruel e impiedosamente do *primeiro autor*. Essa linha de desmitificação crítica e caricaturesca corresponde à lógica da apresentação, feita no capítulo 9, do *historiador arábico*. Não se pode esquecer que, desde o primeiro momento, este aparece degradado pela mentira, pela animalidade e pelo cinismo. O que se pode esperar de um autor dessa natureza? A hipérbole retórica com sentido paródico atua com essa mesma estratégia de desqualificação. Por isso, quando o leitor se depara com referências objetivas como “conta a história”, “conta Cide Hamete”, etc., ou com avaliações lógicas e precisas, o leitor duvida do que está lendo. Sirva um exemplo como amostra:

“Le suspendió una voz que llegó a sus oídos, que en lastimados acentos oyeron que decía lo que se dirá en la cuarta parte de esta narración, que en este punto dio fin a la tercera el sabio y atento historiador Cide Hamete Benengeli” (I, 22).

A qualificação do autor Cide Hamete como “sábio e atento” parece ser asséptica e normal para sua condição de historiador. No entanto, nesse denso entrelaçamento de zombarias e escárnios, ninguém mais dá atenção às qualidades supostamente positivas do *primeiro autor*. O leitor vê como piada todo o seu mundo e todas as suas ações.

De acordo com esse ponto de vista, o historiador arábico, *primeiro autor* do relato, Cide Hamete Benengeli, fica totalmente desautorizado a partir da própria apresentação, sendo objeto, desde esse exato momento, de zombarias e insultos permanentes ao longo de toda a narração. Onde está a sabedoria do historiador? Que validade apresenta a prudência do cronista? Que sentido têm a atenção e a pontualidade do autor? Nenhum. Aquilo que se afirma como categorias próprias de Cide Hamete é negado pela carga de ironia que sua figura

e sua ação assumem. Uma das funções que o autor castelhano tem é precisamente a de desvirtuar e desqualificar o trabalho e a função do *primeiro autor* no romance. A impressão que o leitor tem, depois de uma leitura medianamente atenta, é que o autor Cide Hamete pode ser qualquer coisa, menos um historiador prudente, sábio e atento. Se o autor não apresenta nem autoridade nem crédito, que sentido e que verdade podem ter tanto o historiador-autor como sua tarefa-relato? A história de Dom Quixote é a história desautorizada e paródica de um autor sem credibilidade e sem qualidades para desempenhar a função de apresentar de forma objetiva a história de nosso fidalgo manchego (11). Que impressão pode ter o

11 Santiago López Navia (1990, p. 22) fala como nota característica da tarefa de Cide Hamete de “su voluntad ordenadora”. No entanto, deve-se pensar que, sobre a vontade ordenadora de Cide Hamete, encontra-se a vontade ordenadora do narrador apresentador. De acordo com esse ponto de vista, a desautorização é completa.

Don Quijote Apaleado por los Yangüeses, de José del Castillo, 1780

Reprodução



leitor quando se depara, entre as páginas do relato, com frases como as seguintes?

“Felicísimos y venturosos fueron los tiempos donde se echó al mundo el audacísimo caballero don Quijote de la Mancha, pues, por haber tenido tan honrosa determinación como fue el querer resucitar y volver al mundo la ya perdida y casi muerta orden de la caballería andante, gozamos ahora, en esta nuestra edad, necesitada de alegres entretenimientos, no sólo de la dulzura de su verdadera historia, sino de los cuentos y episodios de ella, que, en parte, no son menos agradables y artificiosos y verdaderos que la misma historia; la cual, siguiendo su rastrillado, torcido y aspado hilo, cuenta que...” (I, 28).

Essa apresentação um tanto retórica da própria história de Dom Quixote é muito valiosa, de acordo com nosso ponto de vista, porque nela encontramos as chaves da verdadeira intenção que os diversos planos ou perspectivas do relato oferecem. Cide Hamete nos oferece a história paródica de uma personagem supostamente louca. Por sua vez, o narrador apresentador ridiculariza o autor dessa história e oferece uma avaliação caricaturesca do próprio relato. Se a ressurreição da ordem de cavalaria “nesta nossa era” é, efetivamente, zombeteira e irônica, não menos paródica, quase esperpêntica, é a avaliação que o narrador apresentador faz desses acontecimentos. Caso contrário, que sentido pode ter a acumulação de superlativos como “felicíssimo, audacíssimo”, ao falar do cavaleiro Dom Quixote e do venturoso tempo no qual saiu ao mundo? Que sentido pode ser tirado das avaliações que realiza sobre a própria história quando a apresenta como “rastelado, torcido e fusado fio”? Como vimos, o narrador apresentador ridiculariza a história de Dom Quixote e desautoriza o papel do historiador (12).

Nesse sistema de negações, outro procedimento de desautorização da figura e da tarefa do *primeiro autor* reside no papel censor adquirido tanto pelo tradutor quanto pelo narrador apresentador. Um e

outro censuram frequentemente as idéias e a redação do autor Cide Hamete. Um autor censurado perde todo seu prestígio, pois está impossibilitado de dizer o que realmente quer expressar. Da mesma forma, uma obra censurada deixa de ser o que era originariamente para apresentar-se com uma forma e um sentido diferentes do relato primitivo. Por isso, é admissível avaliar a história de Cide Hamete como uma escritura malograda e fracassada, pois o que chega ao leitor não é sua obra, mas o resultado das ações censoras do tradutor e do autor apresentador. Como prova do que estamos afirmando, ofereço apenas um exemplo entre os muitos possíveis que a história de Dom Quixote fornece:

“Aquí pinta el autor todas las circunstancias de la casa de don Diego; pintándonos en ella lo que contiene una casa de un caballero labrador rico; pero al traductor desta historia le pareció pasar estas y otras semejantes menudencias en silencio, porque no venían bien con el propósito principal de la historia; la cual más tiene su fuerza en la verdad, que en las frías digresiones” (II, 18).

É quase impossível encontrar um texto tão completo e tão significativo da tarefa censora e manipuladora, tanto por parte do tradutor como por parte do autor cristão, sobre a escritura do *primeiro autor* Cide Hamete. Como podemos deduzir pelo que o próprio relato nos oferece, o *primeiro autor* escreveu nesse mesmo contexto uma longa e prolífica descrição da casa de Dom Diego de Miranda como exemplo de uma mansão de um lavrador rico. Quantas páginas abarcaria a escritura dessa descrição? É lógico pensar que a escritura de “todas as circunstâncias da casa de Dom Diego” ocuparia, pelo menos, algumas páginas. Não sabemos nem podemos deduzir que outras “miudezas” o tradutor do relato inicial deixou em silêncio. Como pura hipótese, imaginemos que a escritura desses elementos abarcasse a quantidade de cinco ou seis páginas. Onde estão essas páginas? O tradutor, em vez de traduzir de maneira objetiva e científica essa parte da história,

12 Mas, de maneira inversa, exalta o valor do ficício como verdade literária e como passatempo. Se a história de Dom Quixote se salva e, como conseqüência, a tarefa de seu autor, é porque cumpre corretamente as leis próprias do fenômeno literário: prazeroso e honesto entretenimento.

tal como era de se esperar por sua condição de mero tradutor, decide não traduzi-la por considerá-la inoportuna à história como elemento alheio ou, como nos assinala o narrador apresentador, “fria digressão”. Porém, o que significa essa decisão? Em primeiro lugar, o tradutor (13) censura a narração base, anulando da história uma parte de sua redação. O “lápiz vermelho” do censor atua de maneira inequívoca sobre o traço da escritura, modificando o ritmo e a ação da história. O tradutor funciona, nesse caso, como censor. Em segundo lugar, justifica e oferece as devidas explicações para defender sua ação censora: “porque não caíam bem com o propósito principal da história”. O tradutor não apenas censura a história base, mas, com suas intromissões, modifica a ordem e a composição do relato. O leitor se depara com um relato diferente do que Cide Hamete pôde ter escrito originariamente. Porém, ao mesmo tempo, terceira conclusão, o ato censor e o fato da ingerência explicativa servem para julgar muito negativamente a ação de escritura do *primeiro autor*. A censura e as explicações do tradutor apresentam apenas uma justificativa: o desacerto do *primeiro autor* no momento de escrever sua obra. A história fracassada, mal escrita, de Cide Hamete, ao menos em certos capítulos ou partes da obra, é corrigida pela tarefa censora do tradutor (14).

Porém, passemos da atuação do tradutor à do narrador apresentador ou autor cristão. Que instância ou ponto de vista esse parágrafo apresenta? Quem afirma que o autor pintou, nessa instância narrativa, todas as circunstâncias da casa de Dom Diego? Quem revela a decisão do tradutor de ficar em silêncio em relação a essas e outras miudezas semelhantes? Encontramo-nos diante da tarefa compositiva do narrador apresentador. Ele nos oferece espaços de informação que estavam ausentes tanto na escritura do relato de Cide Hamete como na do tradutor. Esse dado nos indica que o autor cristão, como vimos anteriormente no caso do tradutor, censura a redação original para oferecer sua própria versão do escrito.

Se apresentarmos um esquema hipo-

tético das diferentes versões do capítulo, teremos o seguinte quadro expositivo:

1ª versão: Cide Hamete “pinta todas as circunstâncias da casa de Dom Diego” em cinco ou seis – poderiam ser três ou duas – supostas páginas;

2ª versão: o tradutor fica em silêncio nessas páginas e dá a explicação por seu surpreendente comportamento;

3ª versão: o autor cristão revela a escritura original de Cide Hamete e nos comunica o ato de censura do tradutor e as possíveis razões que o levaram a essa decisão.

Esse quadro nos indica que o autor cristão modifica a escritura da segunda versão, versão do tradutor, que é, por sua vez, uma escritura alterada da versão original de Cide Hamete. Portanto, a história que chega ao leitor não é a crônica escrita por Cide Hamete, mas a versão supervisionada do autor cristão sobre o relato do tradutor como escritura censurada da história de Cide Hamete. Portanto, é a terceira versão do relato. Esse dado nos revela igualmente a natureza dos diferentes autores da história de Dom Quixote de la Mancha:

1ª autor: Cide Hamete Benengeli – versão original;

2ª autor: o tradutor aljamiado – segunda versão;

3ª autor: o autor cristão – versão definitiva.

Como se conclui desses quadros, a história de Dom Quixote de la Mancha é o resultado de diferentes planos de autoria, agentes de distintas versões escriturais. Nesse jogo, Cide Hamete, primeiro e original historiador, é colocado à margem e fica um tanto apagado da ação final de escritura, já que sua versão é censurada pelo tradutor, cujo relato é supervisionado e modificado pelo terceiro autor. A versão definitiva e última da história do fidalgo manchego é a que esse terceiro autor oferece, o autor cristão, que está sendo denominado, ao longo deste trabalho, como “narrador apresentador”, por ser essa sua missão mais importante em sua atividade dentro da história cervantina.

Também, como o tradutor, esse terceiro autor realiza sua própria lição de crítica literária. Não apenas legitima a ação censora

13 Conhecemos muito poucas coisas sobre o tradutor. Além de ser um mouro aljamiado, tradutor, bom conhecedor do castelhano, era também, como pessoa, um zombeteiro. Basta verificar a reação que tem frente ao manuscrito do *Quixote*: o riso e o escárnio.

14 Como afirma Antonio Martí em seu trabalho “La Función Epistemológica del Traductor en el *Quijote*” (1985, p. 36), parece que as intervenções permanentes de um tradutor e um autor reforçam a natureza realista e verdadeira do relato. Não podemos nos esquecer do jogo “des-realizador” e paródico que ambas as figuras apresentam frente ao autor Cide Hamete.

15 O leitor deve recordar os discursos iniciais de Dom Quixote, quando sai pela primeira vez ao mundo em busca de aventuras. Então, deparamo-nos com um discurso que nos lembra o de Cide Hamete: “*Apenas había el rubicundo Apolo tendido por la faz de la ancha y espaciosa tierra las doradas hebras de sus hermosos cabellos, y apenas los pequeños y pintados pajarillos...*” (I, 2). Porém, a diferença está no fato de que, enquanto Dom Quixote se sente e sabe ser um cavaleiro andante, Cide Hamete é um sábio historiador.

El Entierro de Grisóstomo, de Agustín Navarro, 1797-98



Reprodução

do tradutor, mas oferece sua visão pessoal sobre a censura do mourisco aljamiado. O terceiro autor afirma: “a qual [a história] mais tem sua força na verdade que nas frias digressões”. Indiretamente, está criticando a versão do “historiador árabe”, porque ela não se ajusta às razões de legitimidade literária e de verdade histórica. O narrador apresentador não apenas justifica e avalia positivamente a ação censora do tradutor, mas igualmente, à medida que avalia a ação do mourisco aljamiado, desqualifica e critica o *primeiro autor*, por considerar seu trabalho como uma ação frustrada de escritura. Tradutor e narrador apresentador se coligam em uma frente comum para desautorizar a tarefa do *primeiro autor*.

Essas considerações demonstram a autêntica avaliação que o *primeiro autor* recebe dentro do relato. Em primeiro lugar, a modificação da escritura original por parte do tradutor e do terceiro autor altera gravemente o sentido e o ritmo do relato original. A história de Dom Quixote não é o relato de Cide Hamete, e sim a versão final e supervisionada do autor cristão. Em segundo lugar, as alterações mencionadas, segunda e terceira versões, recebem uma explicação crítica: a escritura frustrada do autor árabe. Cabe afirmar que, se se censura a escritura original, é simplesmente por ser uma história mal escrita. Cide Hamete é um mau escritor, além de um nefasto historiador. Cide Hamete é degradado e sua história aparece deslegitimada.

Esses processos de desqualificação do *primeiro autor* não se devem unicamente à ação modificadora e paródica realizada pelo narrador apresentador e, em menor medida, pelo tradutor; mas, também, grande parte da culpa dessa carga de invalidação provém da própria tarefa do autor como historiador e cronista. Este assume formas e maneiras que não lhe correspondem. Em algumas ocasiões, adota um estilo explicativo e expositivo mais próprio da personagem de Dom Quixote em sua primeira saída. São fórmulas que nunca podem corresponder a um historiador minimamente objetivo e sério:

“*Apenas la blanca aurora había dado lugar a que el luciente Febo con el ardor de sus calientes rayos las líquidas perlas de sus cabellos de oro, enjugase, cuando don Quijote, sacudiendo la pereza de sus miembros...*” (II, 20).

Um cronista objetivo e rigoroso não pode nem deve fazer uma apresentação do amanhecer com os termos e maneiras usados por Cide Hamete. É um estilo mais próprio do primeiro Quixote, que reproduz a linguagem literal das fórmulas cavaleirescas, que o de um presumível historiador (15). Se, diante desse estilo de prolixidade lírica, o leitor se ri de Dom Quixote, qual deve ser sua postura frente ao estilo rebuscado

e altissonante do autor historiador? Apenas a zombaria permanece como resposta ao despropósito manifesto da escritura de Cide Hamete (16). O estilo que, às vezes, o autor emprega é ridículo e inapropriado para o que se pode esperar de um cronista objetivo. A utilização de uma escritura tão pouco lógica para o estilo histórico desautoriza o trabalho do autor. Por isso, Cide Hamete, tanto em seu ofício de historiador como no de autor, fica desautorizado pelo uso de certas formas de escritura que o negam e invalidam. A modificação paródica que Cide Hamete sofre não é obra exclusiva do narrador apresentador ou do tradutor, mas, como se pode deduzir do exposto, do próprio autor.

Cide Hamete é um historiador fracassado autor de uma história sem crédito que, como tal, é desautorizado e deslegitimado ao longo da obra, tanto pelo tradutor como pelo autor apresentador. Às vezes é insultado, e freqüentemente parodiado, de forma que, de “sábio historiador”, nos é apresentado como um sujeito ridículo e caricaturesco. Existe em toda a obra uma personagem tão brutalmente desacreditada e degradada como Cide Hamete? Penso sinceramente que não.

No entanto, após uma leitura atenta da obra, o leitor comprova com surpresa uma virada valorativa de 180 graus. A apresentação do autor árabe é, efetivamente, tal como se pôde comprovar, negativa e degradante. Porém, essa apreciação muda de sentido a partir do capítulo 59 da Segunda Parte. O que acontece nesse capítulo? Constata-se a aparição, pela primeira vez na obra, do falso *Quixote* ou do *Quixote* de Avellaneda. É de se supor que a publicação desse *Quixote* ocorreu quando Cervantes estava escrevendo essa parte de seu romance. A reação de Cervantes é tão fulminante quanto cruel. Converte o *Quixote* de Avellaneda em parte da ficção narrativa. Como sujeito do relato, o narrador apresentador pode manejá-lo, inclusive manipulá-lo, a seu bel-prazer. A primeira coisa que ele faz é degradar o *Quixote* bastardo até a desqualificação máxima. Como o terceiro autor realiza esse processo de degradação?

Primeiro, utilizando as mesmas técnicas de insulto e desqualificação que anteriormente utilizara com Cide Hamete e, segundo, revalorizando o verdadeiro autor do *Quixote*. A reivindicação do primeiro autor funciona como estratégia eficaz de deslegitimação do autor forasteiro. A técnica da ficção dentro da ficção permite ao autor todo esse jogo de inversões valorativas. Esse trabalho de transformação é realizado de forma tão bem-feita e tão sutil que o leitor, sem se dar conta de toda a experiência passada, aceita sem reserva alguma a nova figura e o sentido novo do autor árabe e, em consequência, rejeita os do autor ilegítimo.

Cide Hamete, depois das circunstâncias assinaladas, aparece como autor “legal

16 A crítica quase unanimemente julga esse estilo como simples paródia ao estilo dos livros de cavalaria. No entanto, não soube ver que, junto à possível crítica mencionada, encontra-se também um claro jogo de deslegitimação da tábua de Cide Hamete.

**Don Quijote
Emplastado por
la Ventera y su
Hija, de Agustín
Navarro,
1797-98**

Reprodução



e fiel” (II, 61), como único e verdadeiro autor do *Quixote* (II, 74), como “flor dos historiadores” (II, 61), como cronista e historiador “prudentíssimo” (II, 74), etc. O fato surpreendente de toda essa situação é que o leitor aceita a nova figura de Cide Hamete sem reservas. Como é possível que a avaliação anterior, tão negativa e degradante, tenha sido esquecida por ele e que, sem reparo algum, aceite a nova personalidade do “historiador arábico”? A razão dessa mudança de perspectiva se deve, sem dúvida, ao processo de degradação que o autor do falso *Quixote* experimenta. O *Quixote* de Avellaneda torna-se invalidado por suas “malsonantes e mentirosas razões” (II, 61), por sua “falta de invenção, pobre de letras e rica em simplicidades” (II, 61), por ser “obra malíssima” (II, 70), por ter sido escrita com “pluma de avestruz grosseira e mal delineada” (II, 74), seguindo a linha do “resfriado engenho” (II, 74) de seu autor. O narrador apresentador conclui com uma afirmação categórica: “*La historia de don Quijote de la Mancha, no (la) compuesta por Cide Hamete, su primer autor, sino por un aragonés, que él dice ser natural de Tordesillas*” (II, 70), é tão inautêntica quanto má. Essa realidade recebe uma certificação oficial, quando, no final do relato, já no caminho de volta a casa, o alcaide de um povoado, com um escrivão e em presença de Dom Quixote e Álvaro Tarfe, sancionam a autenticidade do cavaleiro manchego como herói e protagonista da história real e verdadeira de Cide Hamete Benengeli.

No final da narração, o leitor penetra em alguns espaços um tanto paradoxais e contraditórios. O autor Cide Hamete, que foi ao longo de todo o relato degradado e desautorizado por sua condição de árabe e de mau escritor, é finalmente reivindicado e

enobrecido. Quem foi mentiroso e pérfido é revalorizado, ao final da história, como autor fiel e legal. O mouro embusteiro e cínico se transforma em pessoa sincera e veraz. Inversamente, o autor aragonês e cristão é degradado por ser um mentiroso e um falsário. O cristão é o falso, e o mouro é o sincero. O trabalho incompetente do autor árabe se converte, no final, em uma obra bem-feita e cheia de méritos literários, enquanto a do autor aragonês nos é apresentada como uma escritura sem méritos nem qualidades. Parece que o mundo girou 180 graus. A razão dessa transformação tão completa se deve à aparição do *Quixote* de Avellaneda.

A tragicomédia de Cide Hamete Benengeli como historiador e cronista é clara. Esse historiador sem qualidades nem méritos, que nos oferece uma história sem crédito que necessita continuamente de correções e mudanças de estilo e de temas, é reivindicado, ao final, como único e genial autor do *Quixote*. O paradoxo inicial do “historiador árabe” se desvanece para se converter em realidade. Os tópicos de mentiroso e cínico desaparecem para se cumprirem perfeitamente as qualidades básicas de um bom historiador e cronista. Os insultos iniciais mudam de direção quando estes se dirigem ao falso autor do *Quixote* de Avellaneda. A degradação se converte em defesa. Cide Hamete Benengeli é um sujeito paradoxal por ser um autor-historiador tragicômico.

Cide Hamete Benengeli, o *primeiro autor do Quixote de la Mancha*, além de muitas possíveis avaliações como sujeito de ficção e como personagem de um relato extraordinário, é uma personagem paradoxal, contraditória, cheia de fortes ambigüidades que o tornam um perfeito claro-escuro, uma autêntica personagem cervantina, um genial expoente da cultura barroca.

BIBLIOGRAFIA

- ALLEN, John J. “The Narrators, the Readers and Don Quijote”, in *M. L. N.*, vol. 91, nº 2. Baltimore, 1968, pp. 164-77.
 ARRIETA, José Ángel Ascunce. *Los Quixotes del Quijote. Historia de una Aventura Creativa*. Kassel, Reichenberger, 1997.
 CASTRO, Américo. “El como y el por que de Cide Hamete Benengeli”, in *Hacia Cervantes*. Madrid, Taurus, 1967, pp. 409-19.

- EL SAFFAR, Ruth S. "The Function of the Fictional Narrator in *Don Quijote*", in *M. L. N.*, vol. 83. Baltimore, 1968, pp. 164-77.
- FERNÁNDEZ MOSQUERA, Santiago. "Los Autores Ficticios del *Quijote*", in *Anales Cervantinos*. Madrid, 1986, tomo XXIV, pp. 47-65.
- FLORES, R. M. "The Role of Cide Hamete in *Don Quijote*", in *B.H.S.* Liverpool, 1982, pp. 3-14.
- HALEY, George. "The Narrator in *Don Quixote*: Maese Pedro's Puppet Show", in *M. L. N.*, vol. 80. Baltimore, 1965, pp. 145-65.
- LATHROP, Thomas A. "Cide Hamete Benengeli y su Manuscrito", in A.A.V.V. *Cervantes: su Obra y su Mundo* (Dr. Criado del Val). Madrid, Edi 6, pp. 693-7.
- LÓPEZ NAVIA, Santiago. "Una Aproximación Funcional al Problema de Cide Hamete Benengeli en el Texto del *Quijote*", in *Anales Cervantinos*, ts. XXV-XXVI. Madrid, 1987-88, pp. 255-67.
- _____. "El Juego Narrativo en Torno al Autor Ficticio en el *Quijote* de 1615", in *Anales Cervantinos*, t. XXVII. Madrid, 1989, pp. 9-20.
- _____. *El Autor Ficticio Cide Hamete Benengeli y sus Variantes y Pervivencia en las Continuaciones e Imitaciones del Quijote*. Madrid, Universidad Complutense, 1990a.
- _____. "Sabio, Autor e Historiador. Categorías Atributivas y Paralelos a Cide Hamete Benengeli en el Texto del *Quijote*", in *Actas del Ier. Congreso Internacional Asociación Cervantistas*. Barcelona, Anthropos, 1990b, pp. 211-22.
- _____. "El Desarrollo del Estatuto del Personaje de Cide Hamete Benengeli en las Continuaciones del *Quijote*", in *Anales Cervantinos*, t. XXIX. Madrid, 1991, pp. 105-15.
- MÁRQUEZ VILLANUEVA, Francisco. "Cide Hamete Benengeli", in *Fuentes Literarias Cervantinas*. Madrid, Gredos, 1973, pp. 244-57.
- MARTÍ, Antonio. "La Función Epistemológica del Traductor en el *Quijote*", in *Anales Cervantinos*. Madrid, C.S.I.C., tomo XXIII, 1985, pp. 31-46.
- MARTÍN MORÁN, José. *El Quijote en Ciernes. Los Descuidos de Cervantes y las Fases de Elaboración Textual*. Torino, Dell'Orso, 1990.
- _____. "La Función del Narrador Múltiple en el *Quijote* de 1615", in *Anales Cervantinos*, t. XXX, 1992, pp. 9-65.
- _____. "La Débil Autoridad del Padrastro de Don Quijote", in *Actas del Tercer Congreso Internacional de la Asociación de Cervantistas*. Palma de Mallorca, 1998, pp. 277-95.
- MOLHO, Maurice. "Instancias Narradoras en *Don Quijote*", in *M.L.N.*, vol. 104, nº 2. Baltimore, 1989, pp. 273-85.
- NEPAULSINGH, Colbert. "La Aventura de los Narradores del *Quijote*", in *Actas del Sexto Congreso Internacional de Hispanistas*. Universidad de Toronto, 1980, pp. 515-7.
- PARR, James A. *Don Quixote: an Anatomy of Subversive Discourse*. Delaware, Juan de la Cuesta, 1988.
- PERCAS DE PONSETI, Helena. "El Pseudoautor", "El Verdadero Autor" y "Apéndice: Cide Hamete Benengeli", in *Cervantes y su Concepto del Arte*. Madrid, Gredos, 1975, pp. 84-7; 87-104 y 115-23.
- RILEY, Edward C. "El Recurso a los Autores Ficticios", in *Teoría de la Novela en Cervantes*. Madrid, Taurus, 1961.
- STAGG, Geofrey. "El Sabio Cide Hamete Benengeli", in *B.H.S.*, vol. XXVIII. Liverpool, pp. 218-25.
- TRUEBLOOD, Alan S. "Sobre la Selección Artística en el *Quijote*: lo que ha Dejado de Escribir", in *Nueva Revista de Filología Hispánica*, X, 1956, pp. 44-50.